



O retrato das mulheres nas comunidades cristãs primitivas no livro Atos dos Apóstolos

The portrait of women in first Christian communities from the biblical book Acts of the Apostles

Emanuelly Silva Falqueto ^[a]

Cidade, UF, País

^[a] Faculdade Diocesana São José (FADISI) | Universidade Federal do Acre (UFAC)

Como citar: FALQUETO, E. S. O retrato das mulheres nas comunidades cristãs primitivas no livro Atos Dos Apóstolos. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 15, n. 03, p. 509-521, out./dez. 2023. doi.org/10.7213/2175-1838.15.003.AO03

Resumo

O presente artigo resgata o papel das mulheres no desenvolvimento e consolidação das comunidades cristãs primitivas, por meio da análise do livro bíblico Ato dos Apóstolos. Os objetivos principais da pesquisa foram apresentar e compreender de que maneira as figuras femininas são mencionadas no texto, discutindo o papel da mulher na Igreja Católica Apostólica Romana. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica e a análise do referido livro da Bíblia. Assim, foi possível enfatizar a importância da mulher na Igreja, além de constatar a existência de diversas menções as mulheres, tanto figuras femininas chamadas por seus nomes próprios, quanto as que são apenas designadas como mulheres, que constituíram o grupo das primeiras cristãs.

Palavras-chave: Mulheres. Atos dos Apóstolos. Comunidades Cristãs primitivas.

Abstract

This article rescues the role of women in the development and consolidation of first Christian communities, through the analysis of the biblical book called Acts. The main objectives of the research were to present and

^[a] Mestre em Educação, e-mail: manufalqueto@gmail.com

comprehend the way that the female figures were mentioned in the text, discussing the function of women in the Roman Catholic Church. To do so, we performed a bibliographical research and analyze of the Acts book in the Bible. With this research it was possible to emphasize the importance of women in the Church, besides verifying the existence of several mentions of women, both female figures called by their own names, and those who are only designated as women, who formed the groups of the first Christian women.

Keywords: *Women. Acts of the Apostles. Primitive Christian communities.*

Introdução

Apesar do contexto cultural da época que “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1, 14), no qual coexistiam as culturas judaicas e greco-romanas, que excluía as mulheres, negando-lhes a possibilidade terem atuação pública (KOCHMANN, 2015, p. 37), Cristo veio para todas as pessoas, sem distinção de sexo, raça, cor ou idade. Ele agregou ao seu lado mulheres, rompeu com preconceitos étnicos quando catequizou a samaritana (Jo 4, 5-42), além de, ressuscitado, ter aparecido primeiro à Maria Madalena (Mt 28, 1-10; Mc 16, 9-11; Lc 24, 1-11; Jo 20, 11-18).

Mas, será que depois a ressurreição, quando os apóstolos partiram em missão evangelizadora, as mulheres continuaram sendo parte da comunidade cristã primitiva que se delineava? Como a atuação das mulheres foi retratada no livro Atos dos Apóstolos? Qual o papel das mulheres nas primeiras comunidades cristãs?

Por isso, esta pesquisa resgata a influência destas mulheres, identificando de qual maneira as personagens femininas fizeram parte da missão evangelizadora cristã nas comunidades primitivas, a partir do estudo do texto bíblico de Atos dos Apóstolos. Com isso, esperamos conferir destaque para estas mulheres da Igreja primitiva, contribuir com a desmistificação da figura feminina como sujeito invisível, à margem da história e da constituição das comunidades cristãs. Ademais tecemos discussões quanto a relação da mulher e a Igreja primitiva, a partir da apresentação do contexto histórico e cultural da época das primeiras comunidades.

Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica, usando textos acadêmicos que discutem o tema e estudo do livro Atos dos Apóstolos, por meio da análise do texto na Bíblia do Peregrino (2000). Com isso, fizemos uma investigação qualitativa da questão de pesquisa, averiguando quem são e de que forma foram retratadas as mulheres no livro do Novo Testamento.

Igreja e mulher

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, as mulheres foram definidas por diversos discursos que lhes imputam uma série de arquétipos e exclusões. Tais como: a visão de que a mulher precisava da tutela dos pais, maridos, irmãos, ou de alguma figura masculina para poder conviver em sociedade; e o condicionamento das mulheres à privacidade dos lares. “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas” (PERROT, 2007, p. 17).

Essa exclusão da mulher, tornando nulo seu agir na construção social como protagonista com voz e pensamento próprios, deve-se à naturalização da figura feminina a tais papéis submissos. Fomos condicionados e condicionadas a olhar para as mulheres e compreendê-las como seres maternos, sensíveis, sem utilidade na estruturação das civilizações, além da reprodução. Tais amarras dificilmente eram questionadas, pois acreditava-se que essa era a ordem natural das coisas. Pregava-se que a natureza da mulher é ser subjugada, enquanto a do homem era da dominação e violência (PERROT, 2007, p. 83).

A supressão feminina também foi praticada pela Igreja Católica Apostólica Romana que durante muitos anos relegou à mulher papéis secundários tanto na vida eclesial, quanto na própria narração da salvação. Rocha de Moura (2013) ao escrever sobre a importância de Maria de Madalena, aponta como a discípula amada por Jesus e argumenta que o processo de crescimento e fundação da Igreja foi deixando de lembrar as mulheres, que estavam junto no estabelecimento e difusão da fé em Cristo.

Assim, vemos que, na medida que a Igreja foi se institucionalizando, as mulheres que, segundo os dois evangelhos canônicos de Marcos e João foram as primeiras a quem Jesus apareceu e que

receberam a incumbência de transmitir a Boa Nova da Ressurreição aos homens (Mt 28, 9-10; Jo 20,17), foram esquecidas. (ROCHA DE MOURA, 2013, p. 35)

Contudo, fazendo frente a esse processo histórico, cultural, social, econômico e religioso de exclusão das mulheres existem diversas mobilizações e conquistas galgadas ao longo do desenvolvimento da humanidade por meio de diversas vertentes e movimentos feministas. Por conta do esforço de muitas mulheres que não aceitavam o silêncio que lhes era imposto, hoje, questionamos esses arquétipos que nos restringem.

Então, adotando uma postura de análise que está relacionada com o feminismo teológico, definido por Gebara como algo “que buscou ser fonte de formação crítica, e crítica à maneira de tornar as mulheres reprodutoras da ordem religiosa patriarcal (...)” (GEBARA, 2017, p. 55), buscamos trazer e enxergar as histórias das mulheres cristãs, que foram esquecidas e negligenciadas.

A bíblia e a mulher

As personagens femininas existem na Bíblia e algumas são mulheres com papéis de destaque. No Antigo Testamento, elas têm função decisiva na história do povo de Israel, como: Miriã (Ex 2, 1-10) a criança esperta que salvou seu irmão recém-nascido, Moisés; ou Raab (Js 2, 1-24; 6, 22-25), a mulher que trabalhava como prostituta e salvou a vida dos dois espiões enviados por Josué à Jericó.

De acordo com o Primeiro Testamento, apesar de perceber uma cultura patriarcal dominante, muitas mulheres exercem papéis importantes e que são determinantes em alguns momentos da história do povo. Encontramos algumas mulheres estrangeiras, outras mulheres cujo o nome não é citado e outras mulheres das quais a memória permanece com tal força que chegam a ter um livro em seu nome como é o caso de Rute. As matriarcas no contexto de Israel podem ser consideradas como mulheres que contribuíram para a construção da identidade do povo de Israel. (ALVES DA SILVA, 2015, p. 24)

Já nos Evangelhos, podemos ver Jesus subvertendo com o machismo das culturas judaica e greco-romana, pelo simples fato de que Ele conversava com mulheres com as quais não tinha relação de parentesco. Jesus permitia que mulheres o seguissem e as escutava. Tal atitude confrontava diretamente tradições e exclusões praticadas contra as mulheres e crianças no contexto da época. Assim, Ele restitui a dignidade tirada da mulher. “Jesus atraiu mulheres como seguidoras durante todo o seu ministério, e o motivo é bastante óbvio: outros mestres mandavam-nas embora, mas Jesus conversava com elas, estendendo-lhes desse modo a mesma dignidade básica humana que os homens desfrutavam” (AQUILINA; BAILEY, 2018, p. 32)

Aquilina e Bailey (2018) ainda destacam que o cristianismo rompeu com os valores familiares romanos, quando Jesus fez das mulheres suas discípulas. Os cristãos foram criticados por conversarem com mulheres. “O cristianismo era um ataque frontal aos valores da família romana. Os cristãos realmente tratavam as mulheres e até as crianças como se elas fossem pessoas com mentes próprias” (AQUILINA; BAILEY, 2018, p. 22).

Um dos vários exemplos de contestação da ordem dominante, de questionamento do *status quo*, realizados por Jesus é o elogio que faz a Maria, que em vez de limitar-se às funções que socialmente era obrigada a cumprir, deixou Marta e foi ouvir o Mestre (Lc 10, 38-42). Maria sentou-se no meio dos discípulos e escutou Cristo. O elogio de Jesus não significa apenas o que devemos ter como objetivo de vida, mas questiona a desigualdade da época, onde a mulher não era digna de ensinamentos. Ele não só aprova a

atitude transgressora de Maria, que largou seus afazeres domésticos e colocou-se em igualdade com os homens, como também a enaltece.

Mas, mesmo diante desses ensinamentos e dos avanços e conquistas em relação à igualdade de gênero, precisamos continuar retornando as Sagradas Escrituras e bebendo de seus ensinamentos, revelando aspectos que não foram valorizados. Por isso, analisamos o livro do Ato dos Apóstolos, que relata o período de formação e disseminação das primeiras comunidades cristãs. Esse momento histórico era permeado por culturas patriarcais e machistas, o judaísmo e a cultura greco-romana. Aquilina e Bailey registram que os filósofos gregos não consideravam as mulheres como dignas de qualquer valor:

Aprendemos com esses filósofos pagãos que as mulheres eram eternas crianças e, dessa forma, saíam-se pior que as crianças do sexo masculino. É verdade que as crianças não eram ninguém – eram propriedade – mas um dia os filhos homens cresceriam. Até um escravo do sexo masculino podia ter esperança de acabar comprando a liberdade, se fosse bastante parcimonioso. Mas a mulher seria sempre mulher. (AQUILINA; BAILEY, 2018, p. 17)

A insignificância das mulheres era tamanha que Aquilina e Bailey relatam que era possível o pai se livrar dos recém-nascidos do sexo feminino. “Se nascesse uma menina, os pais podiam matá-la e se poupar de todo esse trabalho. A mãe talvez tivesse alguma ligação sentimental irracional com o bebê, mas, como o pai também era dono da mulher, não era ela que decidia a questão” (AQUILINA; BAILEY, 2018, p. 15).

Contudo, o cristianismo vem mudar isso, tanto na sua própria mensagem/essência, quanto no seu processo de consolidação. Segundo Aquilina e Bailey (2018), o cristianismo difundiu-se rapidamente também em função das mulheres convertidas.

O crescimento do cristianismo é um fenômeno sociológico interessante: mostra-nos o que acontece a uma cultura que trata um dos sexos com desprezo desleixado ou até com hostilidade. As famílias pagãs com frequência se livravam das filhas meninas; as famílias cristãs davam grande valor as filhas meninas e não raro adotavam meninas abandonadas. E as mulheres se convertiam ao cristianismo a uma velocidade maior que os homens. O efeito previsível era que, depois de algum tempo, houvesse escassez de mulheres pagãs. Os homens pagãos desposavam mulheres cristãs, e muitas vezes os maridos eram convertidos pelas esposas – ou mesmo se os maridos não se convertessem, as esposas se asseguravam de que os filhos fossem criados como cristãos. (AQUILINA; BAILEY, 2018, p. 36)

Essa participação e responsabilidade da propagação do cristianismo pelas mulheres, apontada pelos pesquisadores, ratifica a urgência e buscamos olhar para os textos sagrados e resgatarmos as figuras femininas e suas ações dentro da Igreja Católica.

Panorama geral: as mulheres em Atos

O livro Atos dos Apóstolos apresenta a atuação de Pedro e Paulo após a ressurreição e ascensão de Jesus, mostrando a disseminação da mensagem de cristã. Essa prática evangélica fundada em Jesus transforma essas pessoas em seguidoras do Caminho. A tradição bíblica considera que o livro Atos dos Apóstolos foi escrito pelo mesmo autor do Evangelho de Lucas. A partir da leitura e do estudo do texto foi possível delinear a participação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs, assim como compreender como elas foram retratadas.

Percebemos que o livro analisado cita personagens femininas em 19 dos 28 capítulos do texto. Elas são chamadas pelo nome, ou apenas de mulheres, viúvas, filhas, profetizas, discípulas e esposas. Maria, mãe de Jesus é mencionada apenas uma vez e é chamada apenas de “a mãe de Jesus” (At. 1, 14).

Além disso, constatamos a existência de dois grupos mulheres: aquelas que não tem nome próprio e as que têm seus nomes mencionados. Nos tópicos seguintes revelamos quem eram e como agiam essas mulheres.

Mulheres sem nome próprio

Esse agrupamento de mulheres é constituído por aquelas que em determinados versículos são qualificadas como viúvas, esposas, filhas, irmãs, criadas. Mas, que têm um papel no seguimento e disseminação dos ensinamentos de Jesus. Dentro dessa classificação identificamos uma subcategorização conforme as atitudes e adjetivos usados para se referir a essas mulheres, que mesmo sem terem seus nomes citados são sinais de fé.

Mulheres ricas, seguidoras do Caminho

São mulheres que começam a seguir o Caminho, convertem-se e participam das comunidades nos seguintes trechos do livro Ato dos Apóstolos: 5, 14; 6,1; 8,12; 13,50; 17, 4; e 17, 12. Apesar da ausência do nome delas, algumas são qualificadas como nobres, influentes e que doam suas posses para o fortalecimento do grupo de seguidores do Caminho.

Em At 6, 1-2 é relatado que “Por essa ocasião, aumentando o número dos discípulos, os de língua grega começaram a murmurar contra os de língua hebraica, pois suas viúvas eram desatendidas no serviço diário” (At 6, 1-2). Aqui vemos que mulheres viúvas gregas se juntam à comunidade dos seguidores de Jesus e nesse trecho (At 6, 1-7) os apóstolos reconhecem a necessidade de ter sacerdotes para atenderem todos. Isso demonstra que elas eram presença dentro da comunidade, tanto que foram reconhecidas e ouvidas. O atendimento a essas viúvas faz com que se amplie a missão do sacerdócio assumido por esses discípulos.

Enquanto em At 13, 50 é mostrado que “(...) os judeus incitaram mulheres piedosas da classe alta e os notáveis da cidade, provocaram uma perseguição contra Paulo e Barnabé (...)”. Contudo, notamos que mesmo as mulheres tendo sido incitadas pelos judeus, elas são qualificadas como piedosas da classe alta. Ou seja, há presença de mulheres com certo poder social e consideradas como bondosas, afinal, a piedade é uma qualidade apreciada entre cristãos e cristãs.

Outro destaque desse grupo de mulheres que se converteram está exposto em At 17, 4. 12. No versículo 4, é dito que quando Paulo e Silas vão à Tessalônica e lá começam a pregar e o resultado disso é a conversão de muitas pessoas, “Alguns deles se deixaram convencer e se associaram a Paulo e Silas; também grande número de prosélitos gregos e não poucas mulheres influentes” (At 17, 4). Já no versículo 12 deste capítulo, Paulo e Silas seguem para Beréia e novamente há menção às mulheres que abraçam a fé, e elas são qualificadas como nobres.

Apesar dessas mulheres não terem nomes, é mostrado que aderem ao cristianismo (At 17, 4). Elas são qualificadas como influentes. Por meio desses versículos constatamos que as mulheres tiveram um desempenho basilar na disseminação e consolidação das primeiras comunidades.

Mulheres dignas de perseguição e libertação

No livro também são citadas as mulheres dignas das perseguições por estarem seguindo o anúncio de Jesus. É possível encontrá-las nestas partes do texto: At 8, 3; 9, 1-3; e, 22, 4-5. Nesses momentos são narrados como Saulo de Tarso perseguia as pessoas que se converteram a seguidores do Caminho. Ele “devastava a igreja, entrava nas casas, agarrava homens e mulheres e os punha na prisão” (At 8, 3).

Com isso, está registrado que as mulheres também eram presas por praticarem essa fé, o que significa que elas atuavam na comunidade cristã, tinham tamanha importância a ponto de também serem postas nas prisões.

O versículo acima explica que Saulo, posteriormente chamando de Paulo, buscava devastar essas comunidades ao entrar nas casas das pessoas, demonstrando que a Igreja primitiva tinha esse caráter doméstico, dos encontros e reuniões acontecerem nesse âmbito. Então, dentro desse lugar privado, onde relegavam a maior parte das mulheres, que as primeiras comunidades cristãs foram se disseminando. Assim, como os apóstolos, elas participaram dessa propagação da mensagem de Jesus. Mas, ao contrário dos homens, poucas tiveram seus nomes revelados

Mais à frente no livro é contada a história da criada que tinha o poder de adivinhações explorada pelos patrões. A mulher vê Paulo e Silas e sai gritando dizendo quem eles eram, um tempo depois Paulo, cansado, manda o espírito sair dela. Isso faz com que eles sejam presos (At 16, 16-20).

Certo dia, quando nos dirigíamos para a oração, saiu-nos ao encontro uma criada que tinha o poder de adivinhar e, com suas adivinhações, proporcionava grandes lucros a seus patrões. Indo atrás de Paulo e de nós, gritava: - Estes homens são servos de Deus Altíssimo e nos pregam o caminho da salvação. Fez isso por muitos dias, até que Paulo, cansado, voltou-se e disse ao espírito: - Em nome de Jesus Cristo, eu te ordeno que saias dela. Imediatamente saiu dela. (At 16, 16-19)

É uma mulher sem nome, mas que grita para a sociedade romana quem eram os discípulos que estavam ali. Ela era explorada pelos patrões e Paulo depois de dias a liberta do espírito. Esses versículos deixam algumas dúvidas. Será que Paulo estava cansado de ver a mulher sendo explorada? Ou cansado por ela estar expondo eles? Mas, ainda assim, depois que essa criada explorada pelos patrões foi liberta, os discípulos foram presos por estarem perturbando a cidade. O versículo 20 diz: "Estes homens estão perturbando nossa cidade; são judeus e pregam costumes que nós, romanos, não podemos aceitar nem praticar". Mostrando que o ato de libertar uma criada explorada por patrões romanos é ruim. Esse trecho dialoga com Aquilina e Bailey (2018), quando os autores dizem que os romanos não consideravam as mulheres como dignas de atenção, de serem ouvidas. Mas, os seguidores do Caminho, são contra essa prática e demonstram isso libertando essa criada explorada. Tal atitude é tão subversiva que Paulo e Silas são jogados na prisão por causa disso.

Mulheres casas-acolhedoras

Outro retrato de mulher presente no livro Atos dos Apóstolos são as mães, que oferecem seus filhos e suas casas para acolher os discípulos perseguidos. Em At 12, 12 temos um retrato de uma dessas mulheres. Após Pedro ser preso e liberto pelo anjo, procura a casa onde estavam reunidos alguns seguidores de Cristo, que era a casa da mãe de João, conhecido como Marcos. Apesar dela não ser qualificada como discípula, é apresentada como mãe. Na casa dessa mãe estão alguns cristãos, é para a casa dela que Pedro depois de liberto da prisão, quando recobra a lucidez, dirige-se procurando abrigo. "Já lúcido, dirigiu-se à casa da mãe de João, apelidado de Marcos, onde alguns estavam reunidos orando" (At 12, 12).

Refletindo sobre esse lugar e essa mulher, podemos interpretar a importância dela por ser esse espaço, essa casa maternal, que acolhe os seguidores de Jesus, que acolhe os cristãos não apenas para oração, mas também atordoados pelas perseguições que sofrem. Isso sinaliza um papel crucial desempenhado pelo feminino dentro dessas comunidades primitivas. Elas são a personificação da acolhida. Abertas, mesmo diante dos riscos que poderiam sofrer, recebem em suas casas os que precisam de abrigo. Ao mesmo tempo

que acolhem, se tornam fundamentais para consolidação dessa evangelização, sobre os quais é possível reunir os seguidores e seguidoras do Caminho, como também curar as feridas dos magoados e discriminados.

Mulheres que rezam juntas e são profetizas

Por fim, no grupo das mulheres que não têm seus nomes revelados neste livro, estão os retratos de seguidoras que rezam junto com os discípulos e a comunidade.

Em At 1, 14 está escrito: “Todos eles, com algumas mulheres, a mãe de Jesus e seus parentes, persistiam unânimes na oração”. Aqui é narrado o início das atividades missionárias nas comunidades primitivas e este princípio envolve a participação das mulheres. Elas estão realizando a mesma atividade (oração) que os homens, apesar de não terem sido citadas pelos nomes. Isso demonstra que as mulheres não se afastaram da mensagem de Jesus após a ressurreição.

Outro momento que mostra a união de homens e mulheres em oração é quando Paulo está retornando a Jerusalém, sabendo que será preso lá, e no caminho encontra pessoas que pedem para ele não ir à cidade: “Quando se cumpriu nosso prazo, saímos para continuar viagem. Todos, com suas mulheres e filhos, nos acompanharam até fora da cidade. Ajoelhamo-nos na praia e oramos” (At 21, 5). As mulheres acompanham Paulo e rezam com ele na praia. Um momento em que as famílias se despedem de Paulo.

Neste mesmo capítulo, em At 21, 8-9, quando Paulo passa por Cesaréia e se hospeda na casa de Filipe, as filhas do discípulo são chamadas de profetizas: “No dia seguinte partimos e chegamos à Cesaréia. Entramos na casa de Filipe, um dos sete evangelistas, e nos hospedamos com ele. Ele tinha quatro filhas solteiras profetizas”.

Filipe era um discípulo e era pai de quatro mulheres, solteiras e profetizas. Ou seja, o que caracteriza Filipe nesse versículo são suas quatro filhas. Elas são solteiras, mas nessa época, mulheres eram dadas para serem desposadas cedo tanto pelos judeus quanto pelos romanos. Então, talvez por conta da missão de profetizas delas, elas puderam escolher não serem esposas e sim seguidoras do Caminho.

É necessário nos determos nessa outra qualificação dessas quatro filhas de Filipe, elas eram profetizas. Assim, percebemos que nessas primeiras comunidades, após a ressurreição de Cristo, há quatro profetizas que são dignas de memória na Bíblia.

Mulheres com nomes próprios

No livro observamos a existência de nove mulheres que têm seus nomes próprios revelados. São elas: Safira, Tabita, Rosa, Lídia, Dâmaris, Priscila, a Rainha Cadence, Berenice e Drusila. Algumas delas têm um papel maior no desenvolvimento das primeiras comunidades, outras são apenas coadjuvantes que nem sempre agem a favor da disseminação e ampliação dos seguidores do Caminho.

Safira

A primeira mulher citada nominalmente é Safira. Entretanto, ela serve de exemplo do que não devemos fazer. A história de Safira é contada em At 5, 1-11. Ela é a mulher de Ananias, ele vende seus bens, vai à comunidade e disponibiliza apenas uma parte do valor recebido. Então, por tentar enganar Deus, morre e Safira também, pois ela vai até os apóstolos e repete a mentira do marido. Interessante notar que o trecho explícita que ele precisou da autorização da mulher Safira para vender os bens: “Certo Ananias, com o consentimento de sua mulher Safira, vendeu uma propriedade (...)” (At 5, 1). Homens não precisavam de autorização das mulheres. Safira devia ser alguém respeitada e com posses financeiras.

Entretanto, esse é um exemplo intimidador, que nos ensina ser preciso colocar tudo em comum sem mentiras.

Tabita, chamada de discípula

Tabita vivia em Jope e era chamada de discípula. É a primeira mulher qualificada assim no livro Atos dos Apóstolos. Ela era muito bondosa e ajudava as pessoas, mas ficou doente e morreu. Então, chamam Pedro que ressuscitou Tabita. Esse milagre serve para conversão das pessoas da cidade (At 9, 36-42):

Em Jope vivia uma discípula chamada Tabita (que quer dizer gazela): distribuía muitas esmolas e fazia obras de caridade. Aconteceu que nessa ocasião ficou doente e morreu. Eles a lavaram e colocaram no piso superior. Visto que Lida, está perto de Jope, os discípulos, ouvindo que Pedro se encontrava ali, enviaram dois homens para buscá-lo: - Vem cá, sem demora! Pedro saiu em companhia deles. Ao chegar, o levaram ao piso superior. Acorreram a ele todas as viúvas, chorando e mostrando-lhe os mantos que Gazela fazia quando vivia com elas. Pedro fez todos sair, ajoelhou-se e rezou; depois, voltando para o cadáver, ordenou: - Gazela, levanta-te! Ela abriu os olhos e, ao ver Pedro, levantou-se. Ele deu-lhe a mão e a pôs de pé. Depois chamou os consagrados e as viúvas e apresentou-a viva. O fato ficou conhecido em toda Jope, e muitos creram no Senhor. (At 9, 36-42)

Esta mulher tem nome, Tabita, e qualificação, discípula. O ato de dizer que ela era discípula e não viúva, esposa, filha, a apresenta como uma mulher à frente de seu tempo, extremamente dedicada à fé. Tabita é vinculada ao Senhor, tamanho era o trabalho missionário dela, que suplanta os outros papéis tradicionais que normalmente atribuíam às mulheres.

Além disso, são enumerados os tipos de atuação de Tabita. Ela distribuía muitas esmolas e fazia obras de caridade. O que nos faz pensar sobre quem era essa mulher, qual a condição dela nesta sociedade? Novamente, podemos perceber que era uma mulher de posses, pois tinha possibilidade de dar muitas esmolas, assim como, realizava obras de caridade. Essa mulher morre e pela sua importância Pedro é chamado. Ele ajoelha-se e ordena que ela se levante.

Outro indício da relevância de Tabita é quando Pedro chega ao local e as viúvas o cercam em busca do auxílio. É explicado que Tabita vivia com as viúvas, provavelmente as ajudando e também é exposto que a discípula fazia mantos. Tabita não foi só uma discípula dedicada, mas foi instrumento para fortalecimento e estruturação desta comunidade primitiva em Jope, acolhendo viúvas e dando esmolas.

Rosa, a criada contente que anuncia a liberdade

O contexto que surge o nome de Rosa, a criada contente que anuncia a liberdade de Pedro (At 12, 13-16) é simultâneo ao que menciona a mulher sem nome, a mãe de João, apelidado de Marcos (At 12, 12). O discípulo tinha sido liberto pelo anjo, procura a casa da mãe de João, quando bate à porta é Rosa que vai atender, ela escuta a voz dele e feliz por saber que ele está livre que esquece de abrir a porta, sai correndo para anunciar aos outros a liberdade dele.

Rosa é criada, ou seja, sua função é servir. Como servidora ela escuta Pedro, mesmo com a porta fechada, sem precisar ver Pedro, ela o reconhece e fica feliz pela liberdade do apóstolo. Feliz com a liberdade, ela corre, não aguenta esperar, sai apressada para anunciar. Esse é o perfil que cristãos devem ter. Ela reconhece a chegada de Pedro, representante de Deus, pedra fundamental da nossa Igreja, sem precisar enxergar. Rosa fica feliz por isso, fica contente. Ela era uma missionária contente, contente com a liberdade. Nós precisamos estar contentes ao reconhecermos que nos aproximamos da Igreja de Deus, nós precisamos correr, ter urgência em anunciarmos a liberdade que é possível por meio da conversão.

Lídia, a comerciante devota

A história de Lídia está em At 16, 13-15; 40. Paulo e Timóteo estavam em Filipos, na província da Macedônia, colônia romana, e começaram a conversar com mulheres romanas, escutando-as. Então, conhecem Lídia, a comerciante devota:

Num sábado, saímos pela porta da cidade em direção à margem de um rio, onde pensávamos que se fizesse oração. Sentamos e começamos a conversar com algumas mulheres. Escutava-nos uma mulher chamada Lídia, comerciante de púrpura de Tiatira e pessoa devota. O senhor lhe abriu o coração para que prestasse atenção ao discurso de Paulo. Ela se batizou com toda a sua casa, e pedia: -Se me tendes por fiel no Senhor, vinde hospedar-vos em minha casa. E insistia conosco. (At 16, 13-15)

Lídia é uma comerciante rica, pois vendia um corante caro na época, a púrpura. Lídia é a mulher que escuta o anúncio dos discípulos missionários, que teve seu coração aberto pelo Senhor. Ela é uma devota. Novamente a mulher aqui não é qualificada pelo seu parentesco com algum homem, mas como uma trabalhadora e uma pessoa devota.

Lídia não fica somente escutando a mensagem, ela decide se batizar, se converter e com isso conduz fiéis juntos, pois todos da sua casa também são batizados. Então, ela é responsável por converter as pessoas a partir de seu exemplo. É a igreja doméstica, que se inicia e consolida nesse processo de conversão.

No versículo 40, Lídia recebe novamente em sua casa os apóstolos. Paulo e Silas são presos e torturados após fazerem uma criada sair da exploração dos seus patrões. No cárcere, eles rezam, há um terremoto que abre as portas da prisão. Mas, Paulo e Silas não fogem, com isso o guarda se converte junto com sua família. Então, eles são liberados da prisão e quando saem vão para casa de Lídia (At 16, 22-40).

Aqui é ratificado a mulher como fundamento sobre o qual construiu apoios essenciais aos apóstolos perseguidos nas comunidades primitivas. Eles saem do cárcere, da falta de liberdade, da tortura e procuram a casa de uma mulher, onde estão reunidos diversos seguidores. “Ao sair do cárcere, dirigiram-se à casa de Lídia, saudaram e animaram os irmãos, e partiram” (At 16,40). Nesse local, acolhidos por Lídia, os discípulos animam os que estavam aflitos com a prisão deles.

Dâmaris, abraça a fé ao ouvir Paulo no areópago

O trecho que traz o nome de Dâmaris é apenas um versículo, At 17, 34. Ela é uma das pessoas que se converteram depois de ouvir a pregação de Paulo no areópago, que é o espaço público de julgamento e discussão de ideias dos filósofos de Atenas. Ali caçoam de Paulo, mas alguns se juntam a eles, entre eles uma mulher chamada Dâmaris. “Alguns se juntaram a ele e abraçaram a fé; entre eles Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris, e alguns outros” (At 17, 34).

Interessante perceber a igualdade estabelecida nesse versículo entre Dionísio, o areopagita e a mulher chamada Dâmaris. Ela não é qualificada como influente, nobre, viúva. Ela é nomeada nesse versículo que também tem o nome de outro convertido, Dionísio.

Priscila, esposa, seguidora e evangelizadora

A história de Priscila aparece em At 18, 2; 18; 26. Ela é a esposa de Áquila e o casal recebe Paulo em sua casa. “Aí encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, e sua mulher Priscila, que há pouco tinham chegado da Itália, porque Cláudio havia expulsado de Roma todos os judeus” (At 18, 2).

O casal tinha uma profissão, trabalhava fabricando tendas e Paulo se une a eles, pois compartilha do mesmo ofício. Entretanto, Paulo rompe com os judeus e vai para casa de um pagão. Mas, At 18, 18 percebemos

que o apóstolo não rompeu com o Priscila e Áquila, pois depois da população ter levado Paulo ao governador Galião e o governador ter liberado o apóstolo, Paulo decide ir para Síria em companhia dos dois. “Paulo permaneceu aí bastante tempo. Depois se despediu dos irmãos e embarcou para Síria em companhia de Priscila e Áquila. Em Cencreia cortou o cabelo para cumprir um voto” (At 18, 18).

Priscila não é somente a esposa de Áquila convertida, ela pratica a fé ao lado do marido e do grupo que evangeliza com Paulo. No trecho acima, ela acompanha Paulo. Ela é companheira de viagem deles, segue pelo Caminho junto com marido e o apóstolo.

Esse caráter evangelizador de Áquila e Priscila fica explícito quando eles encontram Apolo pregando sobre Jesus (At 18, 24-28). Eles não são protagonistas neste trecho, mas o papel desempenhado por eles é importante, pois fornecem mais esclarecimentos a uma figura que será essencial na difusão dos ensinamentos de Jesus: Apolo. Apolo era judeu, “homem eloquente e versado na Escritura. Tinham-no instruído no caminho do Senhor, e cheio de fervor falava e explicava o que se referia a Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João.” (At 18, 24-25).

É por meio da qualificação desse judeu que era eloquente, falava de Jesus cheio de fervor e que ainda “(...) prestou grande serviço aos que haviam recebido a graça da fé, pois refutava vigorosamente e em público os judeus, demonstrando com a Escritura que Jesus é o Messias” (At 18, 27-28), podemos inferir a importância de Priscila e Áquila. O casal escuta Apolo pregando e o chama para explicar com mais exatidão sobre Jesus, após esse encontro, Apolo será um defensor do que Jesus pregou. “Priscila e Áquila o escutaram. Levaram-no à parte e lhe explicaram com maior exatidão o caminho de Deus” (At 18, 26).

Áquila e Priscila são responsáveis por evangelizar juntos. A história dessa esposa enfatiza a liberdade e igualdade da mulher dentro dos relacionamentos. Pois, se considerarmos que naquele contexto histórico e cultural, as esposas ficavam restringidas aos serviços domésticos, Priscila não era assim. Ela e Áquila são judeus convertidos, que viajam com Paulo e ainda evangelizaram juntos. Priscila tem a mesma participação que o marido no processo de conversão.

Mulheres da realeza

Além dessas mulheres, o Ato dos Apóstolos cita outras, como a Rainha Cadence (At 8, 27), Drusila, judia convertida que acompanhava o governador Felix (At 24, 24) e Berenice (At 25, 13 e 23; 26, 30).

No trecho que é citada a Rainha Cadence, fala sobre a conversão do eunuco que era ministro dela. Mas, o nome dela é citado e o do seu funcionário não, isso demonstra a importância dessa mulher, que serve para dar credibilidade ao novo convertido.

Essas mulheres apesar de terem seus nomes citados são pessoas que estavam entre as classes altas da sociedade daquele tempo, especialmente, Berenice que estava junto do rei Agripa. Este rei visitava a Cesaréia quando Paulo estava detido lá. Foram eles que levaram o apóstolo para ser julgado em Roma pelo imperador.

Considerações Finais

Ao concluirmos esse trabalho percebemos a necessidade de darmos voz, resgatarmos essas figuras femininas que atuaram na disseminação e consolidação das primeiras comunidades cristãs, que são os primórdios, precursoras da instituição religiosa que é a Igreja Católica. Apesar de as mulheres terem sido silenciadas, excluídas e tornadas invisíveis enquanto protagonistas no âmbito religioso, é possível encontrá-las. Entre um versículo e outro nos deparamos com suas qualidades, nobreza e missão.

Muitas não têm nem nomes, mesmo assim estão seguindo a mensagem, convertendo-se e levando suas casas, seus maridos, filhos, parentes e vizinhos a enxergarem a beleza da mensagem de Jesus.

A cultura judaica e greco-romana eram extremamente machistas, a ponto de estimular a misoginia (ódio às mulheres), quando liberava que os pais deixassem suas filhas abandonadas, em função da sua condição de gênero feminino. E foram esses homens os responsáveis por escreverem a história do cristianismo, homens educados nessa cultura, homens que ficavam desconfortáveis quando Jesus dava espaço e voz às mulheres que o seguiam. Mas, mesmo assim nos deparamos com figuras femininas no livro bíblico Atos dos Apóstolos, que são fortes e fundamentais. Assim, ratifica que Jesus foi subversivo em vários pontos e um deles foi no ato de ouvir e dar voz às mulheres.

Essas figuras femininas, apesar de importantes, não são anunciadas nas nossas Igrejas com a mesma intensidade que os discípulos homens. Ivone Gebara (2017) também crítica nossa Igreja pela exclusão das mulheres. A pesquisadora expõe a ausência de uma equidade simbólica entre homens e mulheres na organização religiosa do catolicismo. “Mais uma vez é preciso repetir que para a Igreja Católica Romana as mulheres não existiam como protagonistas da História da Igreja e da Teologia. Elas são apenas consumidoras das ideias masculinas” (GEBARA, 2017, p. 96).

Por isso, é necessário contar e propagar a histórias delas, sejam elas mulheres com ou sem nomes próprios. Somente com essa atitude romperemos com o peso do silêncio que emudece a nós mulheres, um silêncio que nos foi imposto historicamente, culturalmente, economicamente e até dentro das igrejas. É crucial revelarmos que as mulheres estão retratadas e atuantes dentro das primeiras comunidades cristãs.

É necessário continuar refletindo sobre a ação das mulheres da missão da nossa Igreja, pois, seja no presente ou passado, as mulheres estão envolvidas e engajadas com a formação da Igreja. Elas acolhiam em suas casas, doavam seus bens para a sustentação das primeiras comunidades cristãs. Assim, a comunidade primitiva foi constituída por apóstolas e não apenas apóstolos. “Essa participação da mulher poderá ser compreendida dentro de uma atuação mais plena ou como aquela que acolhe em sua casa os líderes cristãos, viabilizando, por conseguinte, o trabalho missionário” (Teixeira, 2010, p. 56).

Este trabalho não foi uma exegese bíblica, mas procurou fazer um apanhado das personagens femininas importantes nas comunidades descritas no livro Atos dos Apóstolos. Com a pesquisa, compreendemos o que significa ser cristã, mulher. Assim, podemos seguir desempenhando nosso papel protagonista dentro da Igreja Católica Apostólica Romana e galgando o respeito e reconhecimento, que tanto nos é devido.

Referências

- ALVES DA SILVA, F. P. *As mulheres tomam a palavra: uma abordagem do processo de visibilização das mulheres na história*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos, 2015.
- AQUILINA, M.; BAILEY, C. *Madres da Igreja: o testemunho das cristãs primitivas*. São Paulo: Loyola, 2018.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia do Peregrino: Novo Testamento*. Tradução de José Bortolini e Ivo Storniolo. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2000. 702 p.
- GEBARA, I. *Mulheres, Religião e Poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.
- KOCHMANN, S. O lugar da mulher no judaísmo. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, p. 35-45, 2005. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_kochmann.htm. Acessado em 15 de maio de 2018.
- PERROT, M. *Minha história das Mulheres*. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

TEIXEIRA, J. L. S. A Atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. *Revista de Cultura Teológica*, v. 18, n. 72, out./dez, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15374>. Acesso em: 15 maio 2018.

RECEBIDO: 04/05/2023
APROVADO: 16/09/2023

RECEIVED: 04/05/2023
APPROVED: 16/09/2023